

COMENTÁRIO BÍBLICO

4º. Domingo depois Páscoa – Ano B

02mai2021

Atos 8,26-40; Salmo 22,26-32; 1 João 4,7-12

S. João 15,1-8

¹«Eu sou a videira verdadeira e o meu Pai é quem trata da vinha. ²Ele corta todos os ramos que em mim não dão fruto, e limpa os que dão fruto, para que deem ainda mais. ³Vocês já estão limpos pelo ensino que eu vos deixei. ⁴Permaneçam em mim, que eu permaneço em vós. Um ramo não pode dar fruto por si só, se não estiver unido à videira. Por isso, não podem dar fruto se não estiverem unidos a mim. ⁵Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que estiver unido comigo dá muito fruto porque sem mim nada podem fazer. ⁶Todo aquele que não estiver unido a mim, é lançado fora como um ramo e seca. Tais ramos são enfeixados e lançados ao fogo para arderem. ⁷Se continuarem unidos a mim e não esquecerem as minhas palavras, hão-de receber tudo quanto pedirem. ⁸Nisto consiste a glória de meu Pai: que deem muito fruto e que se comportem como meus discípulos.

1. «*Permanecei em mim*». Permanecer é conservar-se ou persistir no mesmo estado ou qualidade sem mudança (do Dicionário Online). Ora, quando falamos da fé em Jesus não podemos esquecer que “demasiadas coisas da fé cristã causam estranheza, parecem estar em contradição com as ciências naturais e humanas e até com os impulsos humanos do nosso tempo” (Hans Küng)¹. Isto é, a realidade está em permanente devir, permanente dinâmica e mudança e desafiam e interpelam as ‘verdades’ em que até há pouco fomos ensinados como sendo imutáveis. Ora, se queremos responder a tais desafios e ser verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo ressuscitado neste tempo não nos podemos ater a uma fé meramente repetitiva e acomodada. Antes, *Permanecer unido a Jesus*, hoje, implica conversão, fidelidade renovada e reflexão permanente. Conversão e fidelidade a Jesus de Nazaré em quem a palavra, a vontade, o amor de Deus tomaram forma humana. Reflexão, no contexto do nosso viver, sobre o que o mesmo Jesus nos revelou e anunciou da misericórdia de Deus. E, então, poderemos *estar prontos a dar razão da nossa esperança a todo aquele que no-la pedir* (I Pedro 3, 15).

Ainda, *Permanecer em Cristo* – como ramo ligado à videira – é o único modo de vivenciarmos a ambiência de comunidade, com todos os outros ramos, em fraternidade, com atitudes de acolhimento e disponibilidade, em unidade e alegria criativas, em paz, tal como Jesus no-la dá. Na verdade, o que nos une não é a nossa vontade ou a nossa estratégia individual, mas, e tão só, a nossa fé nAquele que é a videira que sustenta e fortalece os ramos. Permanecendo nessa fé nEle estaremos todos unidos.

2. «*A glória de meu Pai é que deis muito fruto. Então vos tornareis meus discípulos*». Por seis vezes se repete no Evangelho de hoje a expressão *dar fruto*. O que é que isto quererá dizer-nos? O fruto é uma decorrência dum processo de produção. Nada do que se faça deixa de ter importância e deve dar fruto. Também, toda e qualquer produção e o respetivo fruto devem ser avaliados. Jesus dá-nos disso indicação quando diz «*Pelos seus frutos os conhecereis*» (S. Mateus

7, 16) e, também, «*Pelo fruto se conhece a árvore*» (S. Mateus 12, 33). Ora, acontece que não gostamos muito que avaliem os nossos “frutos”, a menos que sejam positivos, de boa qualidade. Ao contrário, gostamos demais de avaliar os dos outros. Agora, sempre que recebemos uma prestação de serviço por parte de uma instituição pública ou privada, no fim pedem-nos que respondamos a um pequeno questionário para avaliar o serviço prestado e quem o fez. Como avaliamos os frutos que damos naquilo que vivemos? Como avaliamos a nossa prestação (comportamento, conduta) como cristãos? Como alguém disse: “Avaliar é condição para crescer e dar fruto”.

Hoje em dia estamos a ficar reféns do fenómeno da mediatização, isto é, a tendência dos meios de comunicação social e das redes sociais para o julgamento irracional e na praça pública de pessoas e condutas. E, por isso, mesmo em ambiência democrática, aumenta a facilidade com que se consegue banir pessoas com opinião diferente. Nessas circunstâncias, a avaliação a que Jesus nos chama para percebermos a qualidade dos frutos da vida de cada um(a) pode ser posta em causa porque carece de racionalidade e de fundamento moral. Como escreve o padre e teólogo Jorge Teixeira da Cunha: “urge um reforço do pensamento moral”, pois, “o futuro de uma comunidade política justa e democrática depende muito da qualidade moral das pessoas que estamos a formar.”ⁱⁱⁱ

3. A propósito da declaração de Jesus: «*Aquele que estiver unido comigo dá muito fruto*».

Muito nos regozijamos com a liberdade conseguida no dia 25 de Abril de 1974. Mas, nestes 47 anos de vivência democrática parece que, como nação, pouco nos importamos com os “frutos” dessa liberdade na exclusão social, na pobreza e na desigualdade. Sabemos que muito do que há a fazer nessas áreas pertence à ação do Estado, nas políticas desencadeadas para minorar tais condições de vida e procurar cada vez mais a coesão social no País. Porém, temos de estar conscientes que numa democracia como a nossa – em que se apela à igualdade entre todos – a pobreza é uma nódoa social, nada condizente com uma sociedade civilizada, e uma profunda injustiça para quem a sofre. E, segundo o INE, em 2019, 1/5 da população portuguesa vivia em situação de pobreza. Hoje essa situação continua ou porque o subsídio de desemprego não chega ou, mesmo trabalhando, o salário é insuficiente para “comer, vestir, habitar e procriar”. Então, como cristãos, unidos a Jesus – Aquele que tanto cuidou dos pobres do seu tempo – cabe-nos também desenvolver na nossa área de ação comportamentos que contribuam para minorar a indignidade pessoal de quem é pobre. Por exemplo, na moral e na ética que pomos na vivência das nossas relações pessoais com todos os que Deus nos propõe como caminantes dum mesmo percurso.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ “Credo”, Editorial Trotta, Madrid, 1994, pág. 7.

ⁱⁱ “Um exame moral ao nosso Estado”, Voz Portugalense, 21abril2021